

## **PROTAGONISMO E INCLUSÃO SOCIAL**

### Duas Dimensões de um Projeto Educativo

*TH – O que é educação para você?*

TR – Todo encontro entre duas ou mais pessoas por menor que seja este tempo, se propiciar alguma aprendizagem para elas, para mim isto é educação. Isto significa que educação não deveria ser pensada como um instrumento ou meio para se alcançar qualquer finalidade, mas ser tratada como uma razão de ser e existir do ser humano, esse animal social que não consegue viver só e necessita permanentemente do “outro” para se realizar em toda sua plenitude. Por isso e para simplificar minha resposta, sempre digo que educação pode ser qualquer coisa que você quiser, desde que seja algo que aconteça no plural e que gere aprendizagem para as pessoas. E quando falo plural estou falando do encontro de no mínimo duas pessoas (eu e ele, eu e ela ou ele e ela portanto, nós, vós e eles ou elas). E quando “nós” nos encontramos e produzimos aprendizagens, fazemos educação.

*TH – Como uma ação educativa pode considerar e favorecer o protagonismo de seus atores (crianças, adolescentes, familiares, educadores, gestores) e a inclusão social? Como essas duas dimensões se articulam?*

TR – Uma ação educativa ocorre quando o “eu” e o “outro”, pessoas diferentes, com visões e experiências diferentes se encontram e estabelecem uma “relação entre iguais”, que é na minha opinião a única maneira de se fazer educação verdadeiramente. Numa relação entre iguais há aprendizagem e protagonismo, pois um e outro ensinam e aprendem simultaneamente. Nas relações entre desiguais não há educação, pois ser (agir e pensar) diferente significa ser desigual (inferior e incapaz), pois um acha que sabe e o outro acha que não sabe, um manda e o outro obedece, um fala e o outro escuta, um pensa que só ele ensina e o outro finge que aprende. Numa relação entre iguais, as diferenças são valorizadas e desejadas, porque ambos se completam e, portanto são sujeitos e objetos de um mesmo processo de aprendizagem. Ambos são protagonistas de sua própria educação. Toda relação social só será educativa se permitir às pessoas envolvidas aprendizagem e protagonismo, isto é, participação nas decisões fundamentais para suas vidas. Por outro lado, a questão da inclusão social tem haver com o preconceito de se pensar que o outro, por ser diferente, seja também inferior. Acho que só promoveremos inclusão dos excluídos quando deixarmos de praticar a exclusão dos diferentes.

*TH – Na roda de conversa com os educadores da Regional Oeste você criticou o uso discriminatório da expressão “meninos em situação de risco” citando Guimarães Rosa que disse que “a vida é perigosa” e, portanto estamos todos em risco. Mas na sua opinião, qual é o maior risco que as novas gerações humanas correm hoje?*

TR – Um pequeno reparo Gláucia. Guimarães Rosa disse “viver é perigoso” e não a vida é perigosa, o que é bem diferente. E o jagunço Riobaldo em sua sabedoria sertaneja dizia mais: “porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo...”

Acho que a resposta já poderia ser dada pelo próprio Guimarães, mas vou ousar responder a pergunta.

“Meninos em situação de risco” virou uma categoria social, um slogan, um modismo, um rótulo que serve para enquadrar meninos que estão na rua, ou não estão

estudando, etc. A nossa experiência no convívio com essa menina rotulada é que é risco sério, mas sério mesmo, quando um menino não consegue, em 15 minutos, escrever ou desenhar numa folha de papel o que ele gostaria de ser (ou estar fazendo) daqui a 10 anos e a devolve em branco. Esse menino precisa imediatamente de uma UTI Social, capaz de restituir-lhe a possibilidade de sonhar e se ver no presente do futuro, pois ele se encontra preso no presente do presente. Esse é o maior risco que as novas gerações humanas correm hoje, a perda da capacidade de criar futuros ou a terceirização do destino de suas vidas pela aceitação da ideologia do auto-desprezo. Por isso, creio que a educação que necessitamos deve ter como objetivo principal a realização de utopias, isto é, a realização do não-feito, ainda.

*TH – Qual foi o seu percurso antes de tornar-se um educador?*

TR – Eu fui professor, que é diferente de ser educador. Fui professor de 1º, 2º e 3º graus e dos mais competentes. Um dia descobri que queria mais, queria ser educador, por isso precisava aprender, pois só o educador aprende e, portanto pode melhor ensinar. Contraditoriamente para dar este salto tive que pedir demissão da Universidade, no caso a UFOP, porque ali, naquela oportunidade, seus dirigentes não queriam educadores, bastavam-lhes professores, competentes repassadores de informações alheias.

*TH – Você defende suas crenças e teses de uma forma muito incisiva. Isso já trouxe alguma consequência negativa para você?*

TR – Não sei se negativa ou não, mas houve perdas, pois algumas portas se fecharam para mim. Mas esse é o preço que se paga por tanta teimosia. Certa vez, acho que foi 1981, estava representando a UFOP numa reunião do secretário da educação de MG e a universidades destinada a traçar um plano para melhorar a qualidade do ensino das escolas públicas, essas coisas... Todos falavam dos elevados índices de evasão dos alunos, repetências, etc. Em determinado momento, e nem sei bem porque, pedi a palavra para dizer que “só conhecia uma escola neste país que nunca teve problemas de evasão, repetência, greve, etc”. As pessoas curiosas perguntaram: qual? – A escola de samba, respondi! Antes de continuar, a assessora do secretário de educação, retrucou: “quer dizer então que o senhor gostaria que as nossas escolas fossem aquela bagunça, aquele confusão...” E eu tranquilamente, respondi: “parece que a senhora também não conhece de samba...essa escola é a única que tem um diretor de harmonia, enquanto nas outras existem inspetores e disciplinários...” A senhora com mais raiva ainda, retrucou: “então o senhor acha o Sr. Joãosinho Trinta é que deveria estar aqui no lugar do secretário da educação?”, concluiu vitoriosa. E eu respondi-lhe: “não senhora, imagina. Acho que o Joãosinho Trinta deveria é ser reitor da universidade brasileira...” Fechou o tempo e a reunião acabou. Você não imagina quantos telefonemas e cartas indignadas o reitor da UFOP recebeu contra o seu representante... O pior é que continuo acreditando que as nossas escolas públicas deveriam aprender com as escolas de samba, cujo objetivo é levar no corpo, na voz e na alma um enredo, uma história e profunda alegria. Se ao menos nossas escolas deixassem de ser menos carrancudas e parecidas com o serviço militar obrigatório aos 7 anos, já era um grande avanço e uma grande aprendizagem. Se somos o país da alegria, porque nossas escolas não a incorporam no seu currículo? Será que corro risco de muitos dos seus leitores ficarem indignados, também?

*TH – Quais as vantagens de ter um propósito tão definido?*

TR – Ter podido criar e me dedicar totalmente ao CPCD<sup>1</sup>, ter encontrado nestes 20 anos outros caminhos e caminhantes como vocês do TudoHaver. Tudo isso é muito gratificante. Eu e o CPCD somos movidos por perguntas importantes e desafios. Voltando ao meu mestre Guimarães Rosa, “vocês têm paciência, meus filhos. O mundo é meu (nosso), mas é demorado...”

*TH – Você trabalha com um roteiro de indicadores de qualidade que visa medir a aprendizagem resultante da ação educativa. Que indicadores são esses?*

TR – O trabalho no CPCD é uma provocação constante. Um dia, descobrimos que não estávamos avaliando os objetivos dos nossos projetos, mas apenas as atividades. Foi importante este diagnóstico. Criamos então um instrumento muito legal, que chamamos de plano de trabalho e avaliação. Através dele cercamos os objetivos dos projetos. O PTA é como se fosse um jogo. Primeiro transformamos o objetivo em objeto (o verbo em substantivo), depois dissecamos o objeto em suas dimensões essenciais. E é sobre essas dimensões que formulamos uma série de perguntas importantes. Para cada pergunta tem que haver pelo menos uma resposta (atividade), porque senão a pergunta não tem importância alguma. E para cada atividade, técnica e/ou instrumento utilizado formulamos indicadores de resultado das ações. Foi a nossa descoberta da pólvora. Quando fazemos o caminho inverso ou a contra-mão, temos um plano de avaliação: o que indica que a atividade respondeu a pergunta e alcançou a dimensão do objeto? Pronto, trabalho e avaliação acontecendo quase simultaneamente.. Quando achamos que já estávamos craques neste negócio, formulamos outras provocações para nós mesmos: “o que garante que os nossos projetos têm qualidade?”, “será que podemos bater um carimbo de qualidade em nossos projetos? que indicadores de êxito eles devem ter?”. Essas foram as perguntas que nos levaram a construir o IQP – Indicadores de Qualidade de Projetos Sociais:

- Apropriação (equilíbrio entre o desejado e o alcançado)
- Coerência (equilíbrio entre teoria e prática)
- Cooperação (espírito de equipe e solidariedade)
- Criatividade (inovação, animação, recriação)
- Dinamismo (capacidade de auto transformação segundo as nossas necessidades)
- Eficiência (identidade entre o fim e a necessidade)
- Estética (referência de beleza e gosto apurado)
- Felicidade (sentir-se bem com o que temos e somos)
- Harmonia (respeito mútuo)
- Oportunidade (geração de oportunidade e possibilidade de opção)
- Protagonismo (participação nas decisões fundamentais)
- Transformação (passagem de estado para outro, melhor)

*TH – Neste momento de sua vida quais desses indicadores estão apontando maior sucesso? Existe alguma coisa que precisa ser revista?*

TR – Acho que o indicador “felicidade” se destaca dos demais. Através dele, aprendemos a fazer “exame de fundo de olho” ou oftalmologia social. Aprendemos a ler a felicidade guardada na menina dos olhos da criança. Aprendemos a medir auto-estima. Agora, estamos nos aperfeiçoando em fotografar estes indicadores. Tem

---

<sup>1</sup> Para você saber mais sobre o CPCD, entre no seu site: [www.cpcd.org.br](http://www.cpcd.org.br)

sido como fotografar a aura dos projetos. Tudo que fazemos tem que ser permanentemente reavaliado para ver se faz sentido para o nosso trabalho e nossa vida. Hoje temos 12 indicadores, não sei se precisamos de mais, precisamos sim de aumentar nossa atenção sobre o que cada um deles nos aponta e nos ensina. Uma coisa é engarrafar a água do mar, outra é trazer consigo o azul das ondas. Esse é um permanente desafio, fazer com que cada educador esteja atento a isso e saiba construir essa diferença.

*TH – Uma mensagem final para os nossos leitores...*

TR – Dia de sábado no Vale do Jequitinhonha é dia de festa. É dia de festa porque é dia de feira. É dia de festa e feira porque é dia de encontro. E as pessoas passam o dia na feira. Se houver negócio, compra, venda, troca, melhor, senão, não há problema, as pessoas se alegram porque ali ficaram sabendo quem vai nascer (quando vai ter a quebra de pote, comadre?), quem passou (que Deus o tenha, compadre), que dia vai ser o casamento (até que enfim, comadre, foi Santo Antônio ou São Gonçalo?) E assim transcorre a feira, o encontro de todos os sábados. Um sábado desses, há muitos anos atrás, em Pedra Azul, estava eu zanzando pela feira e me aproximei de um grupo de homens, sentados de cócoras, debaixo de uma árvore, conversando. Fiquei por ali bisbilhotando a conversa alheia. De repente, um deles chama um amigo: “oh compadre, se achegue; você que é muito sabido, me responda lá, assim na bucha: o que você deduz da vida?”. E o compadre parou, pensou, coçou a barbicha e depois de algum tempo respondeu: “compadre, a vida é um sutiã!” “Por que, compadre?”, indagou o outro. E aí, sem pestanejar, o compadre mandou bala: “porque a gente tem é que meter os peitos, compadre”. E saiu todo prosa.

Deste dia em diante tomei a seguinte decisão o meu é número 74, grande, largo e folgado. E é isto que desejo para um dos participantes do TudoHaver: um sutiã bem grande para vocês meterem os peitos, a vida é um sutiã...

E para concluir espero que todos nós um dia possamos dizer, novamente como o jagunço Riobaldo de Guimarães Rosa: “Conheci. Enchi a minha história.”

Tiã Rocha  
20 de Março de 2002  
Eunápolis, Sul da Bahia